

# Passos Manuel, um líder da esquerda

Isilda Monteiro



**M**anuel da Silva Passos ou Passos Manuel (nome pelo qual acabou por ficar mais conhecido e que, nas atas parlamentares, o distinguia do irmão, Passos, José, também ele deputado) faz parte da segunda geração liberal, a dos nascidos entre

1800 e 1815, tal como o duque de Ávila, os irmãos Cabral, Alexandre Herculano, Rodrigues Sampaio ou José Estêvão. Uma geração que fez o seu tirocínio político nas lutas liberais e que, “depois dos anos do cartismo, do setembrismo e do cabralismo desaguou na Regeneração, refazendo os seus alinhamen-

tos para adaptação aos novos tempos”, como refere José Miguel Sardica. Para Passos Manuel, doente e cansado da luta política, esse foi, sobretudo, o tempo de sair de cena, retirando-se para Santarém.

Filho de Manuel da Silva Passos, abastado lavrador e homem de negócios, e de Antónia Maria da Silva Pas-

sos, Manuel da Silva Passos nasceu em 5 de janeiro de 1801 ou 1805, dúvida que o registo de batismo rasurado não permite resolver em definitivo, em São Martinho de Guifões, antigo julgado de Bouças (hoje, concelho de Matosinhos). Em 1817, ele e o irmão José da Silva Passos estão já matriculados na Universidade em Coimbra, onde, apanhados pelos ventos revolucionários de 1820, iniciam o seu percurso político. Em 1822, ambos concluem o 5.º ano em Cânones e, no ano seguinte, fundam o jornal liberal *O Amigo do Povo*. Expulso da Universidade por se ter oposto ao restabelecimento do absolutismo, Passos Manuel parte como tantos outros liberais para o exílio, primeiro para Inglaterra e, mais tarde, para França. A vivência do ambiente revolucionário que então aí se vivia, estimula-o a escrever, juntamente com o irmão, sobre o liberalismo em que acreditava.

Apoiante de Saldanha que liderava a ala mais radical dos liberais, junta-se, em 1832, às forças de D. Pedro sitiadas no Porto pelo exército miguelista, sendo incorporado no Batalhão de Voluntários de Leça, que guarnecia o setor de São João da Foz do Douro. Em 1834, Passos Manuel foi eleito deputado pelo Douro às Cortes Constituintes. Distinguindo-se pelas ideias e pela forma aguerrida como as defendia nos seus longos discursos, depressa conquistou a liderança da oposição de esquerda. Comprometido com as práticas maçónicas desde o tempo de Coimbra, assume a direção da Maçonaria do Norte.

Contudo, em 1835, o debate em torno das indemnizações aos liberais e a instabilidade gerada pela morte inesperada do príncipe Augusto de Leuchtenberg, primeiro marido da rainha D. Maria II, evidenciou o seu distanciamento relativamente aos seus correligionários políticos, sublinhando que “o que lhe interessa são os princípios e não os homens”.

Em 1836, recém-eleito deputado pelo Porto, lidera em Lisboa a Revolução de Setembro, que o conduz ao poder – entre setembro de 1836 e maio de 1837 foi ministro do Reino, pasta que acumulou com a da Fazenda, e foi ministro dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça. No exercício desses cargos procurou renovar os sistemas educativo, cultural e administrativo. Deve-se-lhe o Código Administrativo de 1836 e a Pauta Geral de 1837. No ensino deixou marcas que o tempo não apagou – a criação dos liceus, a reorganização da Universi-

dade de Coimbra, a reforma das Escolas Médico-Cirúrgicas do Porto e de Lisboa (1836), a instituição da Escola Politécnica de Lisboa, a conversão da Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto na Academia Politécnica do Porto e a criação dos conservatórios de Artes e Ofícios de Lisboa e do Porto (1836 e 1837, respetivamente), do Conservatório Geral de Arte Dramática (1836) e da Academia Portuense de Belas-Artes (1836).

A passagem pelo Governo provocou, como fez notar Magda Pinheiro, uma mudança na sua postura enquanto político – marcado até então pela vivência no exílio, Passos Manuel assume-se depois como um conhecedor dos meandros do poder. A nível pessoal, as mudanças também são visíveis. Em dezembro de 1838, constitui família e fixa residência em Santarém, onde passa a gerir as propriedades.

Longe da capacidade interventiva que o caracterizara até 1836, nos anos seguintes foi senador e deputado, sentando-se sempre na bancada setembrista. Em 1846, a Revolta da Maria da Fonte está na rua e Passos Manuel coloca-se ao lado dos revoltosos contra o autoritarismo de Costa Cabral, assumindo a presidência da Junta de Santarém. Já no Porto, fará o mesmo durante a Patuleia. Integra a Junta Governativa do Porto, mas sem protagonismos, reservando o papel principal para o irmão, o também setembrista José da Silva Passos.

A partir de 1851, a Regeneração inicia o processo de pacificação nacional, tendo em vista o desenvolvimento do País, adiado pela instabilidade política instalada desde o início do século XIX. Passos Manuel continuou a atividade política como deputado, sem o fulgor dos tempos passados, condicionado pela doença e por uma época muito diferente daquela em que se notabilizou. Em 17 de fevereiro de 1858, usou da palavra pela última vez no Parlamento e quatro anos depois, a 18 de janeiro de 1862, faleceu em sua casa, em Santarém. O liberalismo perdera um dos seus vultos mais emblemáticos.

**(Consultar também o texto de Maria do Carmo Serén, “O Vintismo na formação de uma esquerda liberal” no Público de 19 de Setembro ou em <https://www.publico.pt/2020/08/19/culturaipilson/ensaio/passos-manuel-vintismo-formacao-esquerda-liberal-1928441>)**